



TIRO COM ARCO PARALÍMPICO: ESTUDO DE CASO DE ATLETAS PROFISSIONAIS EM UM PROJETO SOCIAL

Viviane Faleiro^{1,2,3}, Júlia Felix Silveira^{1,2} e Michel Leonardo Ferreira de Lima^{2,3}



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p7594-7609>

Artigo recebido em 21 de Setembro e publicado em 21 de Novembro de 2025

ESTUDO DE CASO

RESUMO

O estudo analisa a relevância dos projetos sociais no esporte paralímpico, com foco na modalidade tiro com arco. Adota como abordagem o estudo de caso, envolvendo seis atletas com deficiência física vinculados ao Clube Dispara Brasil, participante do Projeto Maricá Cidade Olímpica. A coleta de dados ocorre por meio de entrevistas semiestruturadas com atletas e técnicos, observações diretas durante os treinamentos e competições, além da análise de documentos institucionais. A análise dos dados baseia-se na revisão de literatura científica para contextualizar as evidências empíricas. Os resultados indicam melhorias na autoestima, nas habilidades sociais e motoras, e apontam a prática esportiva como promotora de integração social, reabilitação e desempenho funcional. Os atletas relatam o suporte psicológico como essencial para a permanência no esporte, apesar dos desafios enfrentados, como a escassez de recursos financeiros e a necessidade de equipamentos adaptados. O estudo conclui que o tiro com arco paralímpico, quando apoiado por projetos sociais, constitui-se como instrumento eficaz de inclusão social, fortalecimento da cidadania e transformação pessoal.

Palavras-chave: Tiro com arco. Paralímpico. Projeto social. Inclusão. Reabilitação.



Paralympic Archery: A Case Study of Professional Athletes in a Social Project

ABSTRACT

This study analyzes the importance of social projects in Paralympic sports, focusing on archery. It adopts a case study approach, involving six athletes with physical disabilities affiliated with Clube Dispara Brasil, a participant in the Maricá Olympic City Project. Data collection was carried out through semi-structured interviews with athletes and coaches, direct observations during training and competitions, and analysis of institutional documents. Data analysis is based on a review of scientific literature to contextualize the empirical evidence. The results indicate improvements in self-esteem, social and motor skills, and point to sports practice as a promoter of social integration, rehabilitation, and functional performance. Athletes report psychological support as essential for remaining in the sport, despite the challenges faced, such as the scarcity of financial resources and the need for adapted equipment. The study concludes that Paralympic archery, when supported by social projects, constitutes an effective instrument for social inclusion, strengthening citizenship, and personal transformation.

Keywords: Archery. Paralympic. Social project. Inclusion. Rehabilitation.

Instituição afiliada - 1 - INOOVA ASSESSORIA; 2 – Universidade Estácio de Sá, 3 - Universidade Candido Mendes e 4 – Instituto Realizando Futuro.

Autor correspondente: *Viviane Faleiro* vivivolei87@hotmail.com; *Júlia Felix Silveira* silveiraajulia@hotmail.com e *Michel Leonardo Ferreira de Lima* professormichellima31@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

O tiro com arco Paralímpico está intrinsecamente ligado à história do movimento Paralímpico. Semelhante a diversos outros esportes, foi inicialmente utilizado como atividade de reabilitação para veteranos de guerra pelo Dr. Ludwig Guttmann no Hospital Stoke Mandeville na década de 1940 (Medeiros, 2014).

Devido aos horrores vivenciados durante a Primeira Guerra Mundial, desenvolveram-se práticas desportivas voltadas às pessoas com deficiência física, originando os esportes adaptados em 1918, essa evolução aconteceu devido ao grande crescimento dos soldados que retornavam das guerras aos seus países acometidos com deficiência motora, visuais e auditivas. Para estabelecer uma melhor qualidade de vida a esses soldados, evidenciaram a prática esportiva adaptada (Ferreira & Mariani, 2017).

Em 1948, Dr. Guttmann organizou o primeiro torneio de tiro com arco para pacientes ingleses no hospital, contando com a primeira equipe internacional em 1952. O tiro com arco paralímpico integrou os primeiros Jogos Paralímpicos de Roma, em 1960, permanecendo desde então no programa competitivo (Medeiros, 2017).

O Movimento Paralímpico (MP), aqui no Brasil, teve o seu início nas décadas de 1950 e 1960, através de Robson Sampaio e Sérgio Del Grande. Logo após que vivenciaram o esporte para pessoas com deficiência durante a reabilitação realizada nos Estados Unidos. Fundaram o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro e o Clube dos Paraplégicos em São Paulo, respectivamente. Este marco impulsionou a estruturação do esporte paralímpico nacional, resultando na primeira participação internacional de atletas brasileiros nos II Jogos Parapan-americanos na Argentina em 1969 (Santos, et al., 2022).

A deficiência não é um empecilho para prática esportiva, entende-se que homens e mulheres podem competir em cadeiras de rodas ou em pé, o presente artigo evidencia que o esporte tiro com arco, de cultura milenar, transformou-se em um esporte adaptado onde desenvolvem precisão e concentração, e através de projetos sociais abrem portas para a prática do mesmo.

Parte-se da hipótese de que os projetos sociais voltados ao esporte paralímpico, como o desenvolvido pelo Clube Dispara Brasil em parceria com o Projeto Maricá Cidade Olímpica, promovem não apenas o desenvolvimento esportivo, mas também a inclusão social, a



reabilitação e o fortalecimento da autoestima de atletas com deficiência. O compromisso é identificar, capacitar e preparar indivíduos para perseguirem seus sonhos.

Entende-se que os projetos sociais são importantes porque contribuem para a redução das desigualdades, a promoção da cidadania, a conscientização social e a transformação coletiva (Mendes & Azevedo, 2010). O artigo busca analisar a importância do projeto social no esporte paralímpico. Além disso, este documento também irá explorar a relação entre a atenção, o desempenho nas competições e os obstáculos enfrentados.

A inclusão social é um tema que vem crescendo ao longo dos anos, as modalidades adaptadas para pessoas com deficiência estão crescendo, a Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 2596/23, que cria um programa nacional para incentivar a prática de esporte e o desenvolvimento de atletas e paratletas (Agência Câmara de Notícias, 2023).

1.1 Tiro com Arco

O tiro com arco, ou popularmente arco e flecha, é utilizado há muitos anos pelos nossos ancestrais, pois havia a necessidade de sobrevivência. Os primeiros contatos com o instrumento foram na era mesolítica, pois através das pinturas rupestres visualizamos sua aparição (Corrêa, 2018).

Arqueria é a arte de usar um arco para disparar flechas. A palavra tem origem no latim "arcus", que significa arco. Os homens, para poderem caçar animais de pequeno a grande porte ou até mesmo proteger a sua civilização, usava-se esse instrumento. Um dos primeiros impérios a utilizá-lo foram os egípcios, por volta dos 3.500 a.C., onde os arcos tinham o tamanho dos arqueiros (denominação dos que atiravam as flechas) e utilizavam suas pedras e bronze nas pontas das flechas (Neto, 2008).

Com a evolução e a descoberta da pólvora, surgiram as primeiras armas de fogo. Dessa forma, o arco e flecha foi retirado do campo de batalha, pois não havia mais a necessidade de caçar para se alimentar ou guerrear. Essa habilidade tornou-se um esporte tanto de cunho popular quanto da aristocracia (Castro, 1977).

Henrique VIII promoveu o tiro com arco como desporto oficial na Inglaterra, enquanto Sir Christopher Morris, em 1537, criou uma sociedade de arqueiros conhecida como a Irmandade de São Jorge. As competições e torneios serviam para classificar as diferentes categorias, marcando o primeiro passo para a oficialização do desporto. Com o tempo, as



senhoras começaram a praticar a modalidade, e em 1787 ocorreu a admissão da primeira mulher numa sociedade de arqueiros (Corrêa, 2018).

Desde a transformação desse esporte em competições, os famosos *long bows* e os primeiros arcos eram confeccionados de madeira. Hoje os arcos de competição vão além, utilizando matérias que combinam lâminas de madeira e fibra de carbono, sempre buscando a evolução deste objeto (Neto, 2008).

Os atletas denominados de arqueiros podem utilizar diferentes tipos de arco nas competições, cada um com suas características próprias, são eles: Arco Recurvo, o único permitido nas Olimpíadas, conhecido por suas pontas que se curvam para fora, oferecendo maior potência e precisão e o Arco Composto que utiliza um sistema de roldanas para facilitar a tração e proporcionar maior estabilidade e precisão ao arqueiro (*Ibid*, 2008).

A arquearia olímpica é um esporte que combina técnica, precisão e concentração. Suas diversas categorias e modalidades oferecem uma ampla gama de desafios e exigem diferentes habilidades dos praticantes, fazendo deste um esporte dinâmico e fascinante (Viana, 2018). Durante a competição, os arqueiros atiram suas flechas em um alvo posicionado a 70 metros de distância. Este alvo, que possui um diâmetro de 1,22 metros, é dividido em zonas pontuadas de 1 a 10 pontos, sendo que a zona central, ou "*bullseye*", corresponde à pontuação máxima (Humaid, et al., 2021).

No formato padrão da competição olímpica, cada arqueiro tem 40 segundos para disparar cada uma das seis flechas por rodada. Entretanto, nas fases finais da competição, as exigências aumentam: o tempo para cada disparo é reduzido para 20 segundos, e o número de flechas por rodada diminui para três. Essas mudanças testam ainda mais a rapidez e a precisão dos competidores sob pressão (*Ibid*, 2021).

O tiro com arco é dividido em várias categorias, cada uma com características e regulamentos específicos, *Indoor* realizado em ambientes fechados, geralmente em distâncias menores, com alvos posicionados a 18 ou 25 metros. *Outdoor* modalidade mais tradicional, realizada ao ar livre, com distâncias que variam, sendo a de 70 metros a mais comum nas competições olímpicas. E *Field* competição em terrenos variados, onde os arqueiros atiram em alvos colocados a diferentes distâncias e altitudes, simulando situações de caça (Viana, 2018).

Além das categorias mais populares, existem modalidades menos conhecidas de arquearia que também apresentam desafios únicos, *Ski-Archery* é uma combinação de esqui



cross-country e tiro com arco, onde os competidores alternam entre esqui e disparos em alvos. O *Clou* onde os arqueiros atiram suas flechas em um ângulo elevado, tentando atingir um alvo no chão a uma grande distância. E *Flight* modalidade que busca alcançar a maior distância possível com o disparo de uma flecha, sem a necessidade de acertar um alvo específico (*Ibid*, 2018).

1.2 Modalidade Paralímpica

O tiro com arco paralímpico é uma modalidade esportiva adaptada para pessoas com diversas condições físicas, incluindo amputações, paraplegia, tetraplegia, paralisia cerebral, doenças disfuncionais e progressivas como a atrofia muscular e escleroses, disfunções articulares, problemas na coluna e múltiplas deficiências (Rahim, *et al.*, 2021).

As regras para essas competições são as mesmas aplicadas no esporte olímpico. Possui provas individuais e em duplas, o tiro com arco paralímpico também inclui competições por equipes, compostas por três arqueiros em cada time. Aqui no Brasil, a modalidade é administrada pela Confederação Brasileira de Tiro com Arco (CBTArco). No cenário internacional, a governança fica a cargo da World Archery (Federação Mundial de Tiro com Arco) (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2025).

Os atletas possuem classificações funcionais, que promove a igualdade na competição. Existem três grupos de acordo com suas capacidades de ficar em pé e/ou de locomoção nos braços e tronco. São as classes W1 e W2 são destinadas a atletas com deficiências graves em três ou quatro membros, incluindo braços e pernas. A classe *OPEN* (Arco recurvo e composto) abrange atletas com deficiência em um membro, seja superior ou inferior, ou em dois membros, podendo ser ambos inferiores ou um superior e um inferior do mesmo lado. E as classes V1, V2 e V3 são voltadas para atletas com deficiência visual, embora estas não façam parte do programa dos Jogos Paralímpicos (*Ibid*, 2025).

METODOLOGIA

Este estudo utiliza o método de estudo de caso para investigar a importância dos projetos sociais no contexto do tiro com arco paralímpico. Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2012), o estudo de caso é uma pesquisa descritiva que coleta informações detalhadas sobre um ou poucos participantes, permitindo uma análise profunda e



contextualizada. O Clube Dispara Brasil foi escolhido como objeto de estudo devido à sua parceria com o Projeto Maricá Cidade Olímpica, localizado em Maricá, Rio de Janeiro.

A pesquisa envolveu seis atletas com deficiência que participam do projeto de Tiro com Arco Paralímpico. Estes atletas, possuem mais de 10 de experiência na prática, foram selecionados de forma intencional e por conveniência, além de possuírem uma trajetória significativa no esporte e já terem alcançado pódios em diversas competições. Participam de todas as provas realizadas pela Federação do Estado do Rio de Janeiro, destacando-se consistentemente em suas performances.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os atletas e os técnicos, além de observações diretas durante os treinamentos e competições. Foram também analisados documentos e registros históricos do Clube Dispara Brasil e do Projeto Maricá Cidade Olímpica, visando compreender a evolução do projeto e os desafios enfrentados ao longo do tempo.

A análise dos dados coletados será conduzida por meio da revisão e análise de artigos científicos já publicados. Este método permitirá contextualizar as descobertas do estudo dentro do corpo existente de conhecimento acadêmico, ampliando a compreensão sobre os temas explorados. Essa abordagem visa não apenas capturar as percepções dos participantes sobre a influência do projeto social em suas vidas esportivas, mas também identificar padrões e temas comuns emergentes das entrevistas.

Os critérios de inclusão para os participantes da pesquisa foram: atletas com deficiências físicas adquiridas ou congênitas, sendo que quatro dos selecionados adquiriram lesões (três amputados e um cadeirante) e dois nasceram com lesões. Atletas sem deficiência foram excluídos do estudo para garantir a especificidade da análise no contexto do esporte Paralímpico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio das entrevistas realizadas com atletas e técnicos, foram obtidas as informações apresentadas ao longo deste capítulo. Algumas perguntas foram selecionadas, algumas perguntas da entrevista e inserimos os coletivos das respostas, para deixar mais fidedigno acrescentamos autores para evidenciar as respostas do estudo de caso. Infelizmente as bases de artigos científicos não possuem uma grande demanda da modalidade Tiro com Arco e tão pouco Tiro com Arco Paralímpico.



1. O projeto e a equipe têm desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento do tiro com arco paralímpico. Pode compartilhar mais sobre a história e evolução do projeto?

O Clube Dispara Brasil que existe desde de 2020, surgiu do desejo dos atletas de promover a modalidade esportiva de Tiro com Arco. Ele integra o projeto Maricá Cidade Olímpica há quase dois anos, onde possuem atletas com e sem deficiência, sendo uma iniciativa da Secretaria de Esporte e Lazer de Maricá, que conta com a participação de 25 alunos.

Atualmente, o clube conta com quase 40 crianças divididas entre os tipos de arco recurvo e composto, sendo a maioria delas praticantes do arco recurvo, que é olímpico. Este grupo faz parte do projeto Maricá Cidade Olímpica devido ao convênio existente.

O projeto visa detectar futuros talentos esportivos e proporcionar um caminho para que os atletas possam desenvolver suas habilidades desde a entrada na modalidade até alcançar alto desempenho, com reais possibilidades de disputar medalhas olímpicas.

3.Como descreveria as melhorias na qualidade de vida e autoestima. Você poderia compartilhar sua experiência pessoal nesse sentido?

4.Além das melhorias físicas, houve também mudanças na sua rotina ou nas suas interações sociais?

Análise dos dados coletados revelou que a prática do tiro com arco Paralímpico teve um impacto significativo na vida dos atletas participantes do estudo. Os relatos indicam melhorias no estilo de vida, aumento da autoestima e desenvolvimento de habilidades sociais e motoras. Além disso, a prática esportiva proporcionou uma oportunidade de integração social e reconhecimento, tanto no âmbito local quanto internacional.

Segundo Cardoso et al. (2020), o número crescente de atletas com deficiência ingressando na modalidade, trazendo a evolução do desporto paralímpico nacional. Incentivada por diversos fatores, essa população está presente nos ambientes desportivos. Independentemente dos motivos, é certo que a prática desportiva promove efeitos positivos para as pessoas com deficiência, como melhorias na saúde geral, na aptidão física, no metabolismo ósseo e maior independência funcional. Além disso, há maior mobilidade e redução de doenças crônicas e complicações secundárias à incapacidade.

Para ocorrer esse aumento significativo é importante destacar que os convites de



professores, treinadores e dirigentes não são apenas para participarem de treinos de equipes, clubes e associações. Em muitos casos, os atletas são convidados a irem diretamente às competições, onde só têm conhecimento da prática esportiva e de suas peculiaridades (adaptações e classificação funcional) no momento da competição (ibid, 2020).

6.O ingresso no esporte muitas vezes ocorre durante a reabilitação. Foi o seu caso? Pode nos contar mais sobre essa experiência?

Atletas apontaram a reabilitação como forma de ingresso no esporte paraolímpicos brasileiro. Esses atletas tiveram contato com esta intervenção durante seu processo de reabilitação e continuaram a aprimorá-la. De acordo com Roberts *et al.*, (2019), consideram a importância efetiva do esporte no processo de reabilitação, onde relatam que o uso de exercícios em programas de reabilitação são estratégias altamente eficazes para promover um estilo de vida mais saudável.

Embora os processos de reabilitação proporcionem benefícios físicos, motores e sociais, podem ser considerados uma importante ferramenta para direcionar pessoas com deficiência ao esporte. Aumentando programas nacionais com abordagens recreativas e de reabilitação para promover esportes e atividade física entre pessoas com deficiência.

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), em 2019, criou os Centros de Referência Paralímpicos. Em busca de treinar e oferecer o suporte necessário aos atletas com deficiência desde a iniciação até o alto rendimento, tendo como objetivo implantar um Centro de Referência Paralímpico em cada uma das 27 unidades federativas até 2024.

Mesmo com os incentivos do comitê e dos projetos, um dos pilares para o crescimento do desporto paralímpico brasileiro é a possibilidade de maior autonomia financeira, proporcionada por financiamento e patrocínios estatais e do setor privado. Seja proveniente de recursos públicos ou privados, esse apoio é um diferencial para uma carreira paralímpica (Cardoso *et al.* 2018).

9.Quais são os principais obstáculos que você enfrenta atualmente e como eles impactam sua carreira esportiva?

10.Você tem acesso a benefícios financeiros e como eles ajudam na sua carreira?

A escassez de auxílio financeiro é apontada como a principal dificuldade enfrentada pelos atletas na carreira desportiva e a falta de estrutura. Além disso, há preocupações em alcançar resultados positivos e incerteza sobre a continuidade na modalidade desportiva



devido à falta de apoio.

No Brasil em 2001, a Lei nº 10.264, conhecida como Lei Agnelo/Piva, é considerada um marco para o desporto nacional. Essa lei confere autonomia financeira por meio de recursos das Loterias Federais da Caixa Econômica Federal (CEF). Segundo a lei, 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país são repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Inicialmente, do total de recursos repassados, 85% eram destinados ao COB e 15% ao CPB, para serem aplicados no desporto de alto rendimento, no desporto escolar e universitário.

Essa mesma lei, sofreu alteração no seu percentual total de arrecadação, passando de 2% para 2,7%. A distribuição dos recursos também foi modificada, com o COB recebendo 62,96% (anteriormente 85%) e o CPB recebendo 37,04% (anteriormente 15%). Essa mudança ocorreu com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência) (Brasil, 2015).

O programa Bolsa Atleta foi implantado em 2004 pelo Ministério do Esporte, que busca garantir condições mínimas para que atletas olímpicos e paralímpicos se dediquem exclusivamente a treinamentos e competições em diferentes níveis (atletas de base, estudantes, nacionais, internacionais e olímpicos/paralímpicos) (Brasil, 2004). No planejamento dos Jogos Paralímpicos de 2016, foi introduzida, em 2011, uma nova categoria deste programa: instituída pela Lei nº 12.395, o Bolsa Pódio visa apoiar atletas com chances de disputar medalhas olímpicas e paralímpicas (Brasil, 2011).

7.A necessidade de equipamentos especializados e adaptação de espaços. Esses foram desafios para você também?

Apesar dos esforços do Clube Dispara Brasil e do Projeto Maricá Cidade Olímpica, ainda existem limitações que dificultam o pleno desenvolvimento dos atletas. A necessidade de equipamentos especializados, adaptação de espaços de treinamento e acesso a competições de alto nível são alguns dos pontos críticos mencionados pelos entrevistados.

8.O suporte emocional é crucial para o desempenho dos atletas. Como você descreveria o apoio que recebe do clube?

A pesquisa também destacou a importância do suporte emocional e psicológico oferecido pelos técnicos e pela comunidade do clube. A relação de confiança e apoio mútuo estabelecida entre os atletas e os técnicos foi identificada como um fator crucial para o



sucesso e a resiliência dos participantes, permitindo que superassem obstáculos e continuassem a buscar seus objetivos no esporte.

Conforme Epiphanio et al. (2017), pessoas com deficiência têm experiências positivas através do esporte. Eles relatam que o esporte as ajudou a evitar a depressão, pois as motivações para conquistar um espaço no esporte e alcançar resultados proporcionaram sentimentos de empoderamento ao superar as dificuldades decorrentes da deficiência, promovendo uma experiência de vida mais ativa e independente.

Pessoas com deficiência ou que a adquiriram na fase adulta experimentam uma variedade de sensações, incluindo baixa autoestima, sentimento de inferioridade e incapacidade. Observa-se que a prática de esportes eleva a autoestima desses indivíduos (Baptista et.al., 2019).

Os técnicos informaram que uma das características psicológicas que pode ajudar os atletas a lidar com os fatores estressantes relacionados ao esporte e a manter um bom desempenho durante as competições é a capacidade de resiliência. Resiliência é reconhecida como uma adaptação positiva diante da experiência de um trauma ou adversidade. O estresse decorrente de situações como competições afeta atletas em todos os níveis competitivos, idades e experiências. O que determinará o desempenho é a maneira como esses indivíduos respondem e absorvem tais fatores estressantes (Resende et. al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso do Clube Dispara Brasil, em parceria com o Projeto Maricá Cidade Olímpica, analisou a importância do projeto social no esporte paralímpico e evidencia a relevância do tiro com arco Paralímpico como um instrumento de inclusão social e desenvolvimento pessoal para pessoas com deficiência. A prática esportiva não apenas melhora a condição física dos atletas, mas também promove um sentido de pertencimento e autoestima, essenciais para a reabilitação e integração social.

O Brasil é atualmente reconhecido como uma força emergente no esporte paralímpico mundial. As ações voltadas ao desenvolvimento dessa área crescem a cada ano e podem consolidar a posição do país no cenário internacional e transforma o país em um grande desenvolvedor de novos atletas paralímpicos.



Os resultados deste estudo sugerem que projetos sociais voltados para o esporte Paralímpico devem ser amplamente apoiados e incentivados, não apenas pelo impacto direto na vida dos participantes, mas também pelo potencial de transformação social que carregam. Políticas públicas que garantam financiamento e infraestrutura adequada são fundamentais para a continuidade e expansão dessas iniciativas.

No Brasil, são aprimorados projetos que buscam proporcionar às pessoas com deficiência o acesso ao esporte, promovendo o crescimento de pessoas com deficiência que buscam o ingresso no esporte, além de potencializar as possibilidades das novas gerações de atletas.

REFERÊNCIAS

Agência Câmara de Notícia. **Projeto de Lei (2596/23): Projeto Nacional de Prática de Esportes e Desenvolvimento de Atletas e Paratletas.** Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/1002568-comissao-aprova-projeto-que-incentiva-pratica-de-esportes-e-desenvolvimento-de-atletas-e-paratletas/#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Defesa%20dos,desenvolvimento%20de%20atletas%20e%20paratletas>>. Acessado em: 02 de Maio de 2025.

BAPTISTA, J.; SILVA, S. C. da; SARDINHA, L. S.; LEMOS, V. de A. **A influência psicológica do esporte na vida de atletas com deficiência.** Revista Diálogos Interdisciplinares 2019 VOL. 8 N° 1 - ISSN 2317-3793.

Brasil. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Lei n 13.146 de 6 de Julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acessado em: 09 de Maio de 2025.

Brasil. **Rede do Esporte: Lei Angelo/Piva.** Disponível em: <<http://redoesporte.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-agnelo-piva#:~:text=Sancionada%20em%2016%20de%20julho,destinados%20ao%20desenvolvimento%20de%20sportivo%20brasileiro>>. Acessado em: 09 de Maio de 2025.



Brasil. **Rede do Esporte: Programa Bolsa Atleta Pódio**. Ministério do Esporte. Disponível em: <<http://www.rededoesporte.gov.br//pt-br/incentivo-ao-esporte/bolsa-atleta-podio>>. Acessado em: 09 de Maio de 2025.

Brasil. **Rede do Esporte: Programa Bolsa Atleta**. Ministério do Esporte. Disponível em: <<http://www.rededoesporte.gov.br//pt-br/incentivo-ao-esporte/bolsa-atleta>>. Acessado em: 09 de Maio de 2025.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. de C.; FILHO, A. R. R.; GAYA, A. C. A. **Ingresso de atletas paralímpicos brasileiros no esporte de alto rendimento**. J. Phys. Educ. v. 31, e3151, 2020.

CARDOSO, V. D.; HAIACHI, M. de C.; FILHO, A. R. R.; GAYA, A. C. A. **O suporte financeiro para atletas paralímpicos no Brasil**. J. Phys. Educ. v. 29, e2963, 2018.

CASTRO, M. J. **Arco e Flecha, O Esporte**, 1977.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Centro de referência paralímpico**. Disponível em:<<https://cpb.org.br/programas/centros-de-referencia/#:~:text=Os%20Centros%20de%20Refer%C3%Aancia%20fazem,inicia%C3%A7%C3%A3o%20at%C3%A9%20o%20alto%20rendimento.>> Acessado em: 09 de Maio de 2025.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Tiro com Arco Paralímpico**. Disponível em: <<https://cpb.org.br/modalidades/tiro-com-arco/>>. Acessado em: 02 de Maio de 2025.

CORRÊA, E. M. **Uma proposta de ensino das equações e funções quadráticas através do tiro com arco**. Universidade Estadual do Maranhão. 2018. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfmkaj/https://repositorio.uema.br/bitstream/123456789/761/3/DISSERTA%C3%87%C3%83O.ERIVELTON%20CORR%C3%8aA_1PDF-A.pdf>. Acessado em: 01 de Maio de 2025.

EIPHANIO, E. H.; SILVA, E. M. da; BATISTA, R. P. R.; AQUINO, S. M. C. de. **O sentido do esporte para atletas com e sem deficiência: uma compreensão**



fenomenológica. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, v. 7, n. 1, p. 76-91, 2017.

FERREIRA, R.; MARIANI, R. **O esporte paralímpico: origem e relevância.** Cadernos de Investigação em diversidade e inclusão. Caderno 1. Ateliê do Encontro 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://paradesporto.unifesp.br/repositorio/trabalhos/1868da1cb7af002d633253dfd58419d726535.pdf>. Acessado em: 01 de Maio de 2025

HUMAID, H.; PELANA, R.; CHIA-SMITH, W.; WINATA, B.; YULIANTI, E.; WATTIMENA, F.Y.; *et al.* **Validity of the scoring system technology for detecting points in archery.** J Phys Educ Sport. 2021;21(3):1520-4. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://efsupit.ro/images/stories/mai2021/Art%20193.pdf>. Acessado em: 02 de Maio de 2025.

MEDEIROS, R. da S. **Impacto do atletismo paralímpico na qualidade de vida de pessoas com deficiência física.** Universidade Federal de Uberlândia. 2014. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12834/1/ImpactoAtletismoParalimpico.pdf>. Acessado em: 01 de Maio de 2025.

MENDES, A. D.; AZEVÊDO, P. H. **Políticas públicas de esporte e lazer & políticas públicas educacionais: promoção da educação física dentro e fora da escola ou dois pesos e duas medidas?** Rev. Bras. Ciênc. Esporte 32 (1) • Set 2010 • <https://doi.org/10.1590/S0101-32892010000400009>.

NETO, L. F. M. de S.A. **Utilização de madeira na tecnologia de construção de arcos tradicionais e laminados para tiro com arco.** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Dezembro de 2008. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://devrima.ufrjr.br/jspui/bitstream/1235813/2788/1/Monografia_LuizFelipe.pdf >. Acessado em: 01 de Maio de 2025.

RAHIM, M. S.; SANTOSA, T.; SULISTYONO, J. **Management of National Paralympic Committee (Npc) Archery Achievement Development in Indonesia.** Towards Paralympic Tokyo 2020. JISEAPE. 2021;1(1):7-15. Disponível em: <<http://ejournal.utp.ac.id/index.php/JISEAPE/article/view/1508/520521193>>. Acessado em: 02 de



Maio de 2025.

RESENDE, M. C. de; CARVALHO-FREITAS, M. N. de; GUIMARÃES, A. C.; OLIVEIRA, D. C. R. de. **Perfil psicológico de atletas brasileiros de Paradesporto em Nível Escolar.** Research, Society and Development, v. 10, n. 4, e17310414044, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14044>

ROBERTS G, ARNOLD R, BILZON J, TURNER J, COLCLOUGH M. **A longitudinal examination of military veterans' invictus games stress experiences.** Front. Psychol 2019;10:1934. Doi: 10.3389/fpsyg.2019.01934. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2019.01934/full>>. Acessado em: 09 de Maio de 2025.

THOMAS, J.R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 6ª edição. Porto Alegre. Artmed, 2012.